

# O lugar de fala de Taunay.

## Um estudo sobre o enquadramento da narrativa na Guerra do Paraguai.

Maria Jandyra Cavalcanti Cunha  
Vítor de Abreu Corrêa  
Universidade de Brasília

### Resumo

Neste artigo analisamos ‘A retirada da Laguna’ de Visconde de Taunay, um livro que, escrito na forma de diário, aproxima a literatura do jornalismo de guerra no Brasil. Nosso estudo enfoca o lugar de fala do autor e o enquadramento da narrativa.

**alavras-chave:** *lugar de fala, enquadramento, jornalismo de guerra.*

### Abstract

In this article, we analyse ‘A retirada da Laguna’ (*Retreating from Laguna*, without translation) by Viscount de Taunay, a book that brings literature near war journalism in Brazil. Our study takes under consideration the place from where the author writes and the framing of the narrative.

**Key-words:** *place of speech, framing, war journalism.*

### Resumen

En este artículo se analiza ‘La retirada de Laguna’ (sin traducción), de Vizconde de Taunay, un libro que acerca la literatura del periodismo brasileño de guerra. Nuestro estudio lleva en consideración el sitio de habla del autor y el encuadramiento de su narrativa.

**Palabras-clave:** *sitio de habla, encuadramiento, periodismo de guerra.*

---

### Introdução

Em *O diário de Bagdá*, o jornalista José Hamilton Ribeiro (2003, p.18) afirma que temos no Brasil uma “correspondência de guerra de *escol*”. Essa correspondência, mais do que jornalística, é literária e de uma “literatura do melhor nível internacional”. O ‘repórter do século [XX]’<sup>1</sup> escreve:

... as guerras só se tornam relevantes historicamente quando alguém escreve sobre elas com talento. Que seria da Guerra de Tróia sem Homero? Da Guerra do Peloponeso sem Tucídides? A qualidade excepcional da correspondência de guerra no Brasil está ancorada em três pilares monumentais: Euclides da Cunha (com Canudos), o Visconde de Taunay (com ‘A retirada da Laguna’) e Rubem Braga (com sua cobertura da Segunda Guerra).

Seguindo o mesmo raciocínio, o professor Marcelo Bulhões (2007, p.192-3) valoriza os relatos de Taunay e Euclides porque eles não sofrem do mal da efemeridade do jornal diário: foram publicados em livros e possuem literariedade. Dessa forma, esses textos não se esvaíram no tempo. Ao contrário, perduraram. Bulhões afirma que “ao buscar aproximar-se da literatura, o jornalismo parece tentar ensaiar uma tentativa de resistir à possibilidade iminente do perecimento”.

A incorporação de técnicas narrativas usadas em relatos ficcionais, como o romance, certamente possibilitou a permanência e a durabilidade do registro documental das batalhas reportadas por Taunay e Euclides.

---

<sup>1</sup> Assim é conhecido José Hamilton Ribeiro (1935 –) por ter publicado o livro ‘O repórter do século’ (2007), onde reuniu suas sete reportagens ganhadoras do Prêmio Esso de Jornalismo, entre elas o relato da Guerra do Vietnã para a revista *Realidade*, em 1968, quando perdeu uma das pernas ao pisar em uma mina.

Em livro que reúne uma coletânea de artigos sobre o binômio jornalismo e literatura, o professor Deonísio da Silva (2005, p. 116) analisa narrativas que combinam a “concisão e rapidez” do jornalista e as “reflexões mais demoradas” do escritor:

Dublês de jornalistas e escritores foram, quando bem combinados os dois ofícios, uma via de mão dupla em que a pressa do jornalista obtém a concisão e a rapidez que a ficção não pode aceitar de pronto, mas às quais responde com muito mais laudas, devidamente acompanhadas de reflexões mais demoradas, imunes aos desacertos e ao tormento da pressa.

Hamilton Ribeiro enfatiza a dimensão dramática e humana com que Taunay, ainda um jovem de 25 anos, conta um episódio isolado da Guerra do Paraguai, quando uma expedição do exército brasileiro rumava para o Mato Grosso (hoje Mato Grosso do Sul), a frente setentrional do conflito, com o objetivo de surpreender os paraguaios. O episódio ocorre na fazenda Laguna, onde os oficiais brasileiros, após computarem sucessivas baixas, decidem deixar para trás seus feridos e doentes para que a tropa “pudesse fugir mais depressa” – esse “talvez o momento de maior vergonha de um exército” (Ribeiro 2003, p. 18). Sem *A retirada da Laguna* é possível que hoje não fossem conhecidos esses fatos da Guerra do Paraguai.<sup>2</sup> A coluna Camisão (nome dado em função de seu líder, coronel Carlos de Moraes Camisão) entra na história, com força, graças aos relatos de Taunay.

Ribeiro (2005, p. 102) aponta ainda Taunay como “o nosso primeiro e maior correspondente de guerra”. Também o historiador Nelson Werneck Sodré (1999, p. 236) cita Taunay como um dos três “correspondentes na guerra com o Paraguai” do *Semana Illustrada*, um jornal carioca fundado em 1860 e que teve, em seus 16 anos (1860-1876)<sup>3</sup>, renomados escritores e jornalistas como colaboradores<sup>4</sup>:

Pela *Semana Illustrada* passaram os mais ilustres escritores e jornalistas da época: Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Pedro Luís, Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Nabuco, Bernardo Guimarães, etc. Teve como correspondentes na guerra com o Paraguai a Joaquim José Inácio, futuro visconde de Inhaúma; Antônio Luiz Von Hoonholtz, futuro barão de Tefé; e

---

<sup>2</sup> Segundo o advogado Martín Almada, o Brasil detém documentos ocultos sobre a guerra do Paraguai desde 1870. Ele afirmou: “Suspeito que o Brasil queira esconder o fato de que esta foi uma guerra imperial, comandada pela Coroa britânica. Contesto a versão de que Brasil, Paraguai e Uruguai travaram a guerra porque tinham interesse na Bacia do Prata. Sim, claro que tinham, mas foram manejados pelos ingleses. Nesta época, tínhamos no poder Solano López, que era um ditador, mas patriota e progressista, como foi nosso Fidel Castro. Éramos o único país latino que não se submetia à Inglaterra, não tinha banco inglês e tinha abolido a escravidão, enfim, um mau exemplo”. (Entrevista concedida a Camila Áreas, publicada pela Fundação Lauro Campos, em 23/7/2008, acessível em <http://www.socialismo.org.br/portal/internacional/40-entrevista/444-martin-almada-brasil-oculta-arquivos-do-paraguai->, acessada em 10 out. 2011).

<sup>3</sup> O jornal *Semana Illustrada* (grafado com duplo ‘l’) não estava entre os jornais de maior tiragem na década de 1860, como o *Jornal do Comércio*, *Correio Mercantil*, e o *Diário do Rio de Janeiro*. A importância de *A Semana Illustrada* é a sua afirmação como jornal ilustrado, o que nenhum outro periódico conseguira anteriormente. (Souza, 2004)

<sup>4</sup> Machado de Assis, jornalista e escritor, é autor, entre outros, da trilogia realista *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899); foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL). Quintino Bocaiúva, jornalista e político republicano, é o autor do ‘Manifesto Republicano’, publicado na primeira edição de *A República* (3/12/1870). Joaquim Manuel de Macedo, jornalista e romancista, é autor de *A Moreninha* (1844), considerado o primeiro romance publicado no país. Joaquim Nabuco, jornalista e ativista, escreveu *O Abolicionismo* (1883) e, ao lado de Rui Barbosa, militou pela separação de Estado e religião; foi também um dos fundadores da ABL. Bernardo Guimarães, jornalista e escritor, é autor de *Escrava Isaura* (1875) e ainda considerado um dos precursores da poesia satírica no Brasil.

**Alfredo de Taunay, mais tarde conhecido apenas como visconde de Taunay.** (SODRÉ, 1999, p. 236, grifo nosso)

Taunay ainda escreveria outra narrativa sobre a mesma guerra, *Diário do Exército: Campanha do Paraguai 1869-1870*, uma obra que documenta a última fase da longa luta de cinco anos empreendida contra o Paraguai. Neste artigo, entretanto, nos detemos em *A retirada da Laguna* – em particular, salientamos o lugar de fala do autor e a focalização narrativa da obra, dois elementos que fundamentam sua subjetividade literária.

## **2. Lugar de fala e focalização narrativa**

O lugar de fala é um conceito introduzido na definição de enquadramento jornalístico feita por Cunha (2009; 2010)<sup>5</sup>:

**Enquadramento** é o emolduramento de um fato em episódios selecionados, apresentados e enfatizados não só na forma – com a construção narrativa, o uso de recursos estilísticos e o reforço de linguagem –, mas também no conteúdo – com a presença ou não de fontes, e a evidência de documentação e fotografias – por jornalistas que escrevem a partir de seus **lugares de fala**, localizados por coordenadas culturais de tempo e espaço. (grifo nosso)

O lugar de fala não é a focalização narrativa, onde o narrador pode aparecer implícita ou explicitamente – neste caso, permitindo-se o uso da primeira pessoa do singular (eu) ou do plural (nós).

O lugar de fala é externo à narrativa; marca o assento do autor quando ele se põe a escrever. É desse lugar que o autor, e não o narrador, escolhe o tema a ser discutido em seu trabalho. A decisão sobre o enquadramento também é do autor. Por isso, o lugar de fala é ideológico. Ao contrário do autor, que é uma pessoa de carne e osso, marcada por uma história de vida, o narrador é apenas um ser de papel, não existe fora do texto. A não ser que o narrador seja o próprio autor, não se pode atribuir a este as idéias e preferências do narrador.

No interior do texto, contudo, a focalização narrativa pode partir de três pontos básicos. O primeiro é o da focalização parcial interna, com o ponto de vista de uma só personagem ou, variando durante a narrativa, os pontos de vista de outras personagens. Embora o narrador saiba mais que a(s) personagem(ns), ele conta apenas o que ela(s) conhece(m).

O segundo ponto é o da focalização parcial externa, que apresenta somente as ações das personagens, sem que sejam conhecidos seus pensamentos e sentimentos. Somente a exterioridade da cena é focalizada, o que produz o efeito de neutralidade e objetividade, tão perseguido nos textos jornalísticos.

O terceiro ponto é a focalização total, onde os eventos narrativos são vistos pelo narrador que está no exterior, mas que sabe de tudo. É um narrador onisciente que capta tanto os sentimentos e emoções como as ações das personagens. A focalização total é sempre na terceira pessoa porque, nesse ponto, o narrador nunca será personagem.

Em uma narrativa de guerra como *A retirada da Laguna*, que se situa entre uma obra de literatura e uma peça de jornalismo de guerra, torna-se decisiva a discussão

---

<sup>5</sup> A análise de Cunha (2009; 2010a) trata dos enquadramentos – distintos, mas complementares – feitos pelos jornalistas Nilson Mariano, John Dinges e Luiz Cláudio Cunha feitos, respectivamente, nos livros *As garras do Condor* (2003), *Os anos do Condor* (2005) e *Operação Condor. O sequestro dos uruguaios* (2008). Os três trabalhos tratam da Operação Condor, uma organização internacional de terrorismo de Estado nascida no Chile no ano de 1975.

sobre o lugar de fala e a focalização narrativa, porque estimula o debate sobre objetividade e subjetividade, esta ainda considerada tabu por muitos jornalistas.<sup>6</sup>

### 3. O assento de Taunay

Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle-Taunay (1843-1899) nasceu no Rio de Janeiro em uma família aristocrática, com forte tradição artístico-intelectual. O crítico literário Antonio Candido (2007, p. 622) lembra essa ancestralidade e descreve Taunay como um amante das artes, oriundo de uma “parentela de artistas e escritores”.

De fato, a ancestralidade foi marcante na vida de Taunay. Seu avô paterno era o paisagista Nicolas-Antoine Taunay (1755-1830), um dos chefes da Missão Artística Francesa de 1818, da qual também fez parte seu tio-avô, o escultor Auguste Marie Taunay (1768-1824). Seu pai, o barão Amado Félix Emílio Taunay (1795-1881), era igualmente pintor e ainda professor e diretor da Academia Imperial de Belas Artes, tendo sido um dos preceptores de D. Pedro II.<sup>7</sup>

A herança artística de Taunay se fez sentir em sua narrativa, particularmente no livro *Inocência* (1872), considerado por Candido (op. cit., p. 613) como “um dos romances mais bonitos do Romantismo”. A obra, em verdade, marca a transição para o Naturalismo, já que nele Taunay caracteriza o homem como um produto do meio.

O Naturalismo, assim como o Realismo, partiu de um exterior, concreto e observável, para criticar a sociedade por meio do comportamento de suas personagens. O primeiro retratou as classes dominantes, a alta burguesia urbana, os mais abastados; o segundo, as camadas sociais inferiores, o proletariado, os marginalizados, os menos favorecidos. Enquanto o Realismo fez sua crítica à sociedade de dentro para fora, penetrando no interior de suas personagens e descrevendo seus pensamentos e sentimentos, o Naturalismo caminhou em movimento inverso, trabalhando de fora para dentro, sem se preocupar com o aprofundamento psicológico das personagens, mas em mostrá-las como pacientes de fatores biológicos, históricos e sociais, presas a instintos e vícios (SODRÉ, 1969).

A configuração de Taunay como uma passagem entre o fim do Romantismo e o começo do Naturalismo e do Realismo pode ser percebida pela crítica que o próprio visconde faz ao escritor José de Alencar, aqui recuperada em Candido (op. cit., p. 625):

Comparando-se a Alencar, não o desmerece, mas pondera que ele “não conhecia absolutamente a natureza brasileira que tanto queria reproduzir nem dela estava imbuído. Não lhe sentia a possança e a verdade. Descrevia-a do fundo de seu gabinete, lembrando-se muito mais do que lera do que daquilo que vira com os próprios olhos”.

Essa influência naturalista nos escritos de Taunay se dá notadamente após sua experiência nas batalhas da Guerra do Paraguai. Antes, estudara literatura no Colégio Pedro II, onde se formou aos 15 anos, em 1858. Depois ingressou no Colégio Militar do Rio de Janeiro, onde estudou Física e Matemática. Assentou praça no Exército em 1861

---

<sup>6</sup> Thaís de Mendonça Jorge (2008, p. 73-4) alerta jornalistas principiantes sobre o emprego do ‘eu’ que só deverá acontecer se negociado com o editor. Destaca que, no meio impresso, esse “recurso pode ficar cabotino”, além de provocar “uma mudança de gênero: de jornalismo (sic) passa a ser crônica, ensaio ou opinião”. A jornalista e pesquisadora explica também que o uso da primeira pessoa do plural, ‘nós’, é muito usado nos editoriais, que geralmente traduzem a posição da empresa de comunicação. Ensina que “escrever em primeira pessoa” só deve ser feito se o repórter “viveu realmente uma experiência relevante”, que tenha servido “de lição ou alerta para o restante da humanidade”. Taunay viveu essa experiência relevante.

<sup>7</sup>Mais tarde, o próprio filho do Visconde de Taunay, Affonso d'Escragnolle-Taunay (1876-1958), se tornaria historiador, lexicógrafo e ensaísta.

e, mais tarde, ingressou no curso de engenharia militar, sendo então promovido a segundo-tenente de artilharia.

Taunay foi convocado à frente de batalha assim que começou, em dezembro de 1864, a Guerra do Paraguai entre aquele país e a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai). Considerado o maior e mais sangrento conflito armado internacional ocorrido na América do Sul, ele acabaria apenas em março de 1870, mais de cinco anos após sua eclosão. Nenhuma das duas obras de Taunay escritas durante essa guerra – *A retirada da Laguna* e *Diário do Exército* – esconde sua condição de militar. Ele está a serviço do exército e é nessa condição de observador participante que ele publica suas narrativas.

O historiador Sérgio Medeiros, na introdução de *A retirada da Laguna*, conta que Taunay iria se juntar à unidade do capitão Deodoro da Fonseca, futuro presidente do Brasil, rumo à frente sul do combate ainda no início da guerra. Diante da perspectiva do filho integrar a artilharia e ir para o *front*, o barão Emílio Taunay interveio junto ao imperador Pedro II. Visconde de Taunay é, então, indicado como ajudante da comissão de engenheiros da expedição que sairia de São Paulo para o Mato Grosso, posicionando-se na retaguarda. A expedição durou de abril de 1865 a junho de 1867 e reuniu um efetivo de 1,5 mil oficiais e soldados, além de mulheres e indígenas. Nela, a tarefa de Taunay seria recuperar pontes, secretariar a comissão de engenheiros e participar das decisões do oficialato – esta última uma tarefa que, como veremos mais adiante, não o isentaria da participação do vergonhoso episódio da retirada do exército brasileiro da fazenda Laguna.

Taunay partiu para a viagem com a convicção de que não precisaria pegar em armas e presenciar os combates. Acreditava que, ao término de sua incursão pelo Centro-Oeste do Brasil, a Guerra do Paraguai já estaria concluída. Estava errado: a guerra com o Paraguai teria lutas intensas, mobilizaria cerca de 150 mil homens do exército brasileiro, dos quais 50 mil pereceriam no campo de batalha, fora os que voltariam inválidos. Nas forças uruguaias, que contaram com quase 5,6 mil homens, houve uma baixa de cerca de 3 mil, entre mortos em batalha ou por doença. As tropas argentinas perderam nas frentes de luta aproximadamente 18 mil soldados dos 30 mil combatentes e, ainda, outros 12 mil civis. Do lado paraguaio, o sacrifício seria ainda maior: a morte de 300 mil pessoas, entre militares e civis – o que veio a desencadear um acentuado desequilíbrio populacional na quantidade de homens no país.

Em 1979, fazendo “uma reportagem sobre a guerra [do Paraguai]”, o jornalista Júlio José Chiavenatto (1979, p.18) denunciou que a história oficial desse conflito foi, em grande parte, escrita por historiadores oriundos do Império, eles próprios monarquistas e a maioria deles agraciados com favores especiais. Conclui que, com tal perfil, não se poderia esperar uma visão crítica dos fatos narrados por esses historiadores.

Nos bancos escolares, aprendemos que a causa da Guerra do Paraguai foi a ‘melagomania’ expansionista do ditador Francisco Solano Lopez (1862-1870). De fato, com o Paraguai em relativo progresso socioeconômico e autonomia internacional<sup>8</sup>, Solano López enfatizou a política militar-expansionista, a fim de ampliar o território de

---

<sup>8</sup> No início do século XIX, o governo paraguaio, calcado em bases nacionalistas, promoveu a primeira grande reforma agrária na América do Sul. “Através do confisco ou de compras a baixo preço, o governo adquire e distribui terra aos camponeses paraguaios – arrendando-as a custo irrisório –, além de fornecer-lhes, inclusive, implementos agrícolas, gado e sementes” (CHIAVENATTO, 1979:19-20). Também a Igreja Católica teve seus interesses contrariados, com bens confiscados e transferidos para o Estado. O analfabetismo foi erradicado. Essas políticas foram realizadas por dois ditadores anteriores, José Gaspar Rodríguez de Francia (entre 1813 e 1840), e Carlos Antonio López, pai de Francisco Solano López (entre 1844 e 1862). Solano López foi um continuador das políticas de seus antecessores.

seu país. Pretendia criar o ‘Paraguai Maior’, obtendo, com a anexação de territórios vizinhos, o acesso ao Atlântico por onde escoaria sua produção.

Embora contestados pelo historiador inglês Leslie Bethell (1995), revisionistas da história da Guerra do Paraguai – entre os quais o brasileiro Chiavenatto (op. cit); o argentino León Pomer (1980); e os italianos Manlio Cancogni e Ivan Boris (1975) – mostram Solano López como um líder de fortes tendências socialistas, que tentou criar uma nação independente frente aos vizinhos, particularmente a Argentina, à qual o Paraguai estivera vinculado durante o período em que ambos integravam o Vice-reinado do Rio da Prata espanhol. Solano López temia a quebra do equilíbrio político na região depois que o governo brasileiro, insuflado pelos britânicos, passou a intervir na política interna do Uruguai. Após um ultimato, as tropas paraguaias invadiram o sul do Mato Grosso no Brasil e, na Argentina, a província de Corrientes. Essa invasão foi o pretexto usado pelo Império do Brasil e pela Confederação Argentina para “mutilar a jovem república do Paraguai”, então o país mais desenvolvido da região (CHIAVENATTO, op. cit).

A historiografia tradicional não mostra que as razões profundas dessa refrega foram econômicas, com o Brasil e a Argentina servindo aos interesses do Império Britânico. Lopez foi pintado como um monstro sanguinário que queria criar um império por força das armas, no que foi impedido pelos ‘gloriosos heróis brasileiros’, como o general duque de Caxias, Luís Alves de Lima e Silva; o general marquês de Herval, Manuel Luís Osório; o almirante marquês de Tamandaré, Joaquim Marques Lisboa; e o marechal conde D’Eu, o francês Louis Phillipe Marie Ferdinand Gaston d’Orleans et Saxe-Cobourg et Gotha, casado com a princesa Isabel Cristina Leopoldina de Bragança, filha de D. Pedro II.

Apesar de toda a revisão histórica feita a partir dos anos 1960, ao analisar a abordagem não crítica da Guerra do Paraguai por “escritores alienados”, Chiavenatto (op. cit., p.11) tem o cuidado de não condenar a totalidade de suas narrativas. Exclui dessa avaliação os “livros que testemunharam a guerra em si, escritos por homens que participaram militarmente da campanha. Como Taunay, para citar um dos clássicos mais populares”.

Entretanto, Taunay era ele próprio um filho de barões, agraciado com favores do Império que se esvaía. Monarquista, foi deputado e senador, além de presidente das províncias de Santa Catarina e do Paraná. Deixou a vida política após a Proclamação da República, em 1889. Meses antes, recebeu o título de visconde após se casar com a filha do influente barão de Vassouras, Cristina Teixeira Leite. É com seu título de nobreza – visconde – que Taunay entra para as letras.

O trabalho feito por Taunay em *A retirada da Laguna* certamente teve aprovação do Império que, tempos depois, o convocaria a registrar outra campanha – desta vez, sob o comando de um dos mais ‘nobres’ heróis da história oficial: Sua Alteza, o príncipe consorte Conde D’Eu. Também escrito no gênero textual ‘diário’, esse novo trabalho foi publicado em formato de livro em 1870, com o título *Diário do Exército*. Mais tarde, o próprio Conde d’Eu reconheceria o acerto na decisão de levar Taunay consigo ao *front* (apud TAUNAY, Affonso, 2002, p.10):

Considero-o não só muito inteligente e muito cumpridor de seus deveres como ainda com habilitações literárias e científicas bastante excepcionais.

É, contudo, a primeira experiência de Taunay em batalhas que fica eternizada.<sup>9</sup> *A retirada da Laguna* é baseado nas anotações do diário que Taunay manteve durante

---

<sup>9</sup> O impacto de *A retirada da Laguna* seria tal que a narrativa inspiraria a transmutação da história para as telas de cinema, em 1931, com o filme *Alma do Brasil*, de Libero Luxardo. Motivou também a criação do

os 35 dias de incursão. Quando Taunay escreveu seu diário, ele não pensava em publicá-lo. Segundo o historiador Sérgio Medeiros (1997, p. 9), a decisão de publicar o diário na forma de livro se dá somente com o fim da coluna. Por insistência do pai, Taunay se propôs a “colocar no papel – aproveitando a memória ainda fresca dos fatos e as anotações de um diário – as lembranças dos eventos dramáticos” daquela expedição. Ao final de 20 dias, o livro estava finalizado, tendo sido publicado parcialmente em francês ainda no decorrer da guerra, em 1868, e com dedicatória ao imperador assinada por seu pai. Somente seis anos mais tarde, em 1874, seria publicada no Brasil a versão em português.

Embora o telégrafo já estivesse em funcionamento àquela época, a coluna Camisão não contava com tão avançada tecnologia. Para que as notícias da recém batizada coluna ‘Forças em Operação no Norte do Paraguai’ chegassem à sede do Império ou qualquer outra localidade, era necessário que se enviassem mensageiros. O próprio Taunay (1997, p. 100) escreve que os despachos do comandante Camisão e as “nossas cartas para Mato Grosso, Goiás e Rio de Janeiro” eram remetidas dessa maneira.

No artigo ‘Experiências temporais do jornalismo na cobertura de guerras’, o jornalista e professor Carlos Eduardo Franciscato (2010) explica como era difícil e demorada a correspondência de relatos de guerra do *front* à redação dos jornais em coberturas anteriores ao final do século XIX.

Os correspondentes de guerra dependiam de cavalos e barcos a vapor para enviar informações aos seus jornais com pelo menos uma semana de atraso.

No diário, além de escrever, Taunay também retratava os acontecimentos que testemunhava por imagens, certamente utilizando-se do domínio artístico que desenvolvera no seio familiar. Candido (2007, p. 622) avalia que esse recurso ajudava o escritor a recuperar e descrever os cenários visitados:

[Taunay] viajava de lápis na mão, registrando as cenas de viagem em desenhos de “ingênuo paisagista”, como se qualifica. Desenhos de traço elementar, com efeito, atentos à realidade e transpondo-a com amenizada placidez.

Candido (op. cit., p. 622-3) identifica o trabalho de Taunay como um “caso raro na literatura do tempo”. O jovem foi capaz de se integrar à realidade brasileira de um “modo desconhecido a qualquer outro romancista”, o que marcaria sua obra.

Este [Taunay], nem bacharel, nem médico, mas militar, enfronhado em problemas práticos, é particularmente um caso raro na literatura do tempo, para a qual trouxe uma rica experiência de guerra e sertão, depurada por sensibilidade e cultura nutridas de música e artes plásticas. Esta combinação de senso prático e refinamento estético fundamenta as suas boas obras e compõe o traçado geral da sua personalidade.

Taunay é lembrado como um homem de letras, mas – além de escrever para o jornal *Semana Illustrada* – ele também colaborou com outras publicações como *A Notícia*; *A Nação*, onde o romance *Inocência* foi editado em folhetim; e a *Revista Brasileira*. Nessa revista – que curiosamente tinha como subtítulo *Jornal de Ciências, Letras e Artes*, mas era de fato uma revista –, Taunay trabalhou ao lado de Machado de Assis, que ali publicou o seu *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Moacir Werneck de Castro (1997, p. 267) afirma que, àquela época, os escritores “viviam praticamente da imprensa: ela é que lhes permitia a divulgação de seus

---

Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados, no Rio de Janeiro, e estimulou a criação da cidade de Guia Lopes da Laguna, no Mato Grosso do Sul, em homenagem ao guia civil da expedição.

trabalhos e o contato com o público”. Em uma época em que o ofício de jornalista não era regulamentado, Taunay e seus contemporâneos literatos abrilhantaram jornais com seus escritos.

Autor de mais de duas dezenas de livros<sup>10</sup>, Taunay acreditava que duas de suas obras – a “ficção” *Inocência* e o “documentário” *A retirada da Laguna* – seriam duradouras e chegariam à posteridade: “Eis as duas asas que me levarão à imortalidade” (*apud* CANDIDO, 2007: 624). Taunay não estava errado.

#### 4. A focalização narrativa: nós, o autor e d’Escragnolle-Taunay

Taunay é testemunha ocular dos fatos que são narrados em *A retirada da Laguna*. É também seu narrador. Apesar disso, ele não se utiliza da primeira pessoa do singular (eu) na sua narrativa da guerra. Usa, porém, a primeira pessoa do plural (nós) ao incluir-se em cena, o que configura sua identificação com a tropa de Camisão.

É também o jogo do nós (os brasileiros) contra eles (os paraguaios). Na passagem em que Taunay (1997: 86-7) fala da grande aproximação entre as duas tropas, o que permite o contato visual entre os soldados, ele deixa evidente a oposição: ‘nós’ *versus* eles.

Nossa vanguarda encontrou esta posição ocupada por um grande destacamento de cavaleiros; deteve-se, todos os nostros corpos fizeram o mesmo, um após o outro. Os paraguaios examinavam-nos, nada se interpunha entre eles e nós; podiam contar quantos éramos. Isso constituiu para nós uma grande desvantagem. Até ali eles haviam pensado segundo nostros refugiados, que a coluna brasileira compunha-se de pelo menos 6 mil homens, e ‘nosso’ comandante empenhara-se, conforme as regras da guerra, em alimentar este erro. A ilusão havia chegado ao fim: desfez-se quando lançaram sobre nós o primeiro olhar. (grifo nosso)

A focalização narrativa de Taunay varia ao longo de *A retirada da Laguna*. Como narrador, ora ele se inclui em cena com o uso de nós, ora trata dele mesmo como o autor dos escritos ou denomina-se pelo próprio sobrenome, usando a terceira pessoa. É assim no episódio em que ele relata que seus registros resistiram a torrenciais tempestades, travessias de rios e encarniçadas lutas, mas que nem todos os escritos tiveram tanta sorte, alguns se perdendo em queimadas (TAUNAY, 1997, p. 260):

Encontramos destroços de carroças que os paraguaios acabavam de queimar, muitos víveres e objetos de provisão [...], como já encontráramos nas margens do rio Canindé, cadernos rasgados, folhas abandonadas ao vento, anotações, algumas das quais o autor deste relato reconheceu como suas, agora incompletas e já inúteis. (grifo nosso)

Na função de secretário-relator da comissão de engenheiros, ele se afasta da cena e se identifica como “o autor deste relato”. Taunay (1997:65) também é “o próprio autor desta narrativa” – um aposto que ele usa para caracterizar “o secretário encarregado de redigir a ata da reunião”. Na hora da arriscada aprovação dos oficiais pela marcha até a fronteira do Paraguai, ele assim descreve a manifestação do chefe da comissão de engenheiros, o tenente-coronel Juvêncio:

---

<sup>10</sup> Taunay é autor de seis romances (*A mocidade de Trajano; Inocência; Lágrimas do coração; Ouro sobre azul; O encilhamento; No declínio*), três coletâneas de contos (*Histórias Brasileiras; Narrativas Militares; Ao Entardecer*), quatro livros sobre a guerra e o sertão (*Cenas de viagem; Diário do Exército; A retirada da Laguna; Céus e terras do Brasil*), cinco autobiografias e conjunto de ensaios (*Estudos críticos; Reminiscências; Filologia e crítica; Memórias*) e quatro peças teatrais (*Da mão à boca se perde a sopa; Por um triz, coronel; Amélia Smith; A conquista do filho*).

Ergue-se o presidente do conselho e, voltando-se para o secretário encarregado de redigir a ata da reunião, o próprio autor desta narrativa, encarregou-o de comunicar ao comandante que a comissão fora unânime. (grifo nosso)

Taunay havia se decidido a não manter silêncio sobre os acontecimentos da expedição, embora não soubesse como divulgá-los. A promessa ao coronel Camisão reforçou sua intenção. Uma das últimas vontades do comandante era de que as dramáticas mortes por doença deveriam constar do relato se algum dia a história da coluna fosse escrita. Taunay (1997, p. 89-90) assim registra o episódio:

Parecia desejar que lhe prometêssemos isto; em nome de todos, o próprio autor deste relato comprometeu-se assim proceder, e o cumpre hoje com uma exatidão religiosa. (grifo nosso)

A tentativa de afastamento é maior quando, relatando as atividades militares específicas, Taunay (1997: 46 e 246) se auto-identifica pelo sobrenome (d'Escragnolle-Taunay). Assim acontece no momento em que o coronel Camisão designa dois oficiais para levantar novo acampamento:

Enviou ele imediatamente a Nioaque dois membros da comissão de engenheiros, Catão Roxo e d'Escragnolle-Taunay. (grifo nosso)

Ou, após a morte do chefe da coluna, quando da redefinição dos cargos:

O capitão Lago havia sido indicado assistente do ajudante-geral; o tenente Escragnolle-Taunay, secretário militar do comandante. (grifo nosso)

Ao longo de quase toda a narrativa, Taunay não critica abertamente as decisões do comandante Camisão. Nem os combates, nem o avanço ou a retirada da coluna, tampouco o abandono dos doentes à própria sorte. No entanto, quando começam os debates para o recuo da expedição pela falta de armamento, cavalaria, munição e mantimento, Taunay (1997: 133-4) – utilizando-se de nós – faz perguntas retóricas, que parecem ser posteriores ao registro dos acontecimentos e que servem para quase que eximir-se das decisões polêmicas. No fundo, as perguntas pregam o avanço da tropa até a derrota do inimigo.

Ocupávamos ainda a fronteira do Paraguai, mas ter que deixá-la causava-nos um doloroso pesar. Tão recentemente a tínhamos atravessado, na crença de que realizávamos uma diversão [manobra para desviar a atenção do inimigo] importante, talvez mesmo indispensável à causa da Pátria! Sentíamos quase vergonha de ver nossas esperanças de glória dissiparem-se tão cedo; escapávamos a presa, e ainda não queríamos confessar que era imperioso abandoná-la. [...] Não tínhamos munição, é verdade; mas não poderíamos recebê-la a qualquer momento? Não requisitávamos a Nioaque havia um bom tempo? [...] Deixávamos-nos levar por esses pensamentos vãos, sem lhes dar demasiada importância. (grifo nosso)

Nesse trecho, Taunay expressa sua discordância com o que considera uma “quase vergonha”: o recuo. Observa que talvez a incursão ao Paraguai fosse “indispensável à causa da Pátria!” Em clara focalização narrativa interna, ele também descreve emoções e sentimentos, como ‘sentir vergonha’ e ‘causar pesar’.

Essa discordância não se viu em Taunay (1997, p. 204) quando o comandante Camisão resolveu deixar para trás os doentes de cólera.

A expedição brechara sua retirada para enterrar os mortos e, então, os paraguaios se aproximaram. Houve confronto, vencido parcialmente por nós. De binóculos, no entanto, os oficiais visualizaram um “espetáculo revoltante”: os paraguaios reabriram as covas para roubar os trapos dos cadáveres e disputaram as vestimentas em farrapos entre si. À noite, Camisão reuniria três vezes o oficialato para discutir como acelerar a

retirada e melhorar o transporte dos doentes. Por fim, já próximo da meia-noite, o comandante convocou os oficiais e médicos para comunicar “uma resolução suprema”. Como relatou Taunay (p. 206-7), “tratava-se de uma ideia que decerto já ocorrera a todos os espíritos [inclusive o autor], sem que ninguém, todavia, ousasse expressá-la”.

... [O coronel Camisão] declarou aos comandantes que, sob sua própria responsabilidade, e conforme rigor que considerava um dever seu, os coléricos, à exceção dos convalescentes, seriam abandonados naquele pouso. Nenhuma voz se elevou contra tal responsabilidade; um longo silêncio acolheu a ordem e a consagrou. (grifo nosso)

Taunay estava entre os oficiais e não se opôs aos dizeres de Camisão, mas se exclui da decisão ao usar ‘os comandantes’, em vez de ‘nós’. Nesse trecho da narrativa, a focalização parcial externa o afasta da cena e também da vergonhosa decisão de abandonar os doentes. Tudo é descrito na terceira pessoa.

Abrir uma clareira na mata vizinha, transportar os coléricos para lá e depois abandoná-los foi uma “ordem terrível de dar e terrível de executar”, mas que “entretanto não levantou nenhum dissentimento, nenhuma censura!” O silêncio com que a ordem foi acolhida, consagrou-a. Nenhuma voz se levantou para contestá-la. Ainda que por omissão, Taunay também acatou a ordem do coronel Camisão. Entretanto, narrar o episódio sem se incluir, ele procura se isentar daquela cruel decisão, uma decisão unânime.

O que não foi unânime foi a decisão de “guardar silêncio” tomada pelo médico da tropa, doutor Gesteira, que se debatia entre seu juramento de Hipócrates e “sua consciência de funcionário público a serviço da expedição”. Ao decidir contar o que acontecera na reunião em que o abandono dos soldados doentes e feridos fora deliberada, assim como o que se passou à ordem de Camisão, Taunay entrega ao julgamento da História o conselho de oficiais.

### **Considerações Finais**

Quando o jornalista Júlio José Chiavetto identificou como narradores da história oficial da Guerra do Paraguai historiadores monarquistas em grande parte agraciados com favores especiais do Império, ele afirmou que, com tal perfil, não se poderia esperar uma visão crítica dos fatos. De sua crítica, Chiavetto excluiu aqueles narradores que, *in loco*, testemunharam a guerra e citou Taunay como exemplo.

Apesar de ter ser um monarquista e de ter sido agraciado com favores do Império, Taunay teve a coragem de relatar o abandono de doentes na fazenda Laguna, um dos episódios mais constrangedores da história do Exército Brasileiro. Ainda assim, ele usa, ora e vez, a focalização narrativa parcial externa para, convenientemente, se colocar à margem de cenas embaraçosas. Para isso, joga com os pronomes pessoais de primeira e terceira pessoa do plural (‘nós’ e ‘eles’) e com a referência a si próprio como terceira pessoa (o autor, d’Escragnolle-Taunay).

De seu lugar de fala, onde era membro de uma família de artistas de renome, Taunay enquadrou a crua realidade da guerra como uma pintura de cores singulares. O episódio selecionado é apresentado e enfatizado pelo uso de recursos estilísticos trazidos da literatura.

O episódio da retirada da Laguna, insignificante militarmente diante da totalidade da Guerra do Paraguai, entrou para a História também pela literariedade da narrativa de Taunay. Afinal, o que seria da coluna Camisão sem o tenente, secretário, monarquista, documentarista e, sobretudo, o narrador talentoso Taunay?

## Referências bibliográficas

- BETHELL, Leslie. *Guerra do Paraguai: História e Polêmica. O imperialismo britânico e a Guerra do Paraguai*. Estudos Avançados (9-24), São Paulo, maio-agosto, 1995.
- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo:Ática, 2007.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.
- CANCOGNI, Manlio, e BORIS, Ivan. *Solano López, o Napoleão do Prata* (II Napoleone Del Plata) Trad. Juan Agullo Conejos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975(1970).
- CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- CUNHA, Maria Jandyra C. A Operação Condor: lugar de fala e enquadramento na narrativa jornalística da História. *Revista Intercâmbio do XII Congresso Internacional de Humanidades*, em <http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/390/685.pdf>, out. 2009 (acesso em 13/11/2010).
- \_\_\_\_\_. Um só fato, três enquadramentos: a narrativa jornalística da História. *Anais do X Congresso da Asociación Latinoamericana de Investigadores de La Comunicación*, ALAIC, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, Colômbia, set. 2010. Disponível em <http://www.rehime.com.ar/escritos/ponencias/X%20Congreso%20de%20ALAIC%20-%20Ponencia%20Cavalcanti%20Cunha.pdf>, acesso em 02/01/2011.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Experiências temporais do jornalismo na cobertura de guerras. *Revista Verso e Reverso*, vol. 17, n. 37, ano XVII, 2002/3, disponível em <http://www.unisinos.br/diversos/revistas/versoereverso/index.php?e=1&s=9&a=7>, acessado 13/12/2010.
- MENDONÇA JORGE, Thaís. *Manual do foca.Guia de sobrevivência para jornalistas*.São Paulo:Contexto, 2008.
- MEDEIROS, Sérgio. Introdução. In: *Taunay*, 1997, p. 9-24.
- POMER, León. *A guerra do Paraguai. A grande tragédia rioplatense.(La guerra del Paraguay. Estado, politica e negocios)*. São Paulo: Editora Global, 1980 (1968)
- RIBEIRO, José Hamilton. *O gosto da guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- \_\_\_\_\_. Bom dia, Bagdá. In: DÁVILA, Sérgio e VARELLA, Juca. *Diário de Bagdá: a guerra do Iraque segundo os bombardeados*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003, pp. 18-19.
- \_\_\_\_\_. *O repórter do século*. São Paulo: Geração Editorial, 2006.
- SILVA, Deonísio. Imprensa e Literatura. In: CASTRO,Gustavo; GALENO,Alex(org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2005, pp. 115-120.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro:Mauad, 1999.
- \_\_\_\_\_. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 1969.
- SOUZA, Karen Fernanda Rodrigues de. "Ridendo Castigat Mores": a Semana Ilustrada de Henrique Fleiuss e a formação da imprensa ilustrada no Brasil. Rio de Janeiro 1860-1876. *Anais do XVII Encontro Regional de História: O lugar da História*. ANPUH/SPUNICAMP, Campinas, set. 2004. Disponível em <http://anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XVII/ST%20V/Karen%20Fernanda%20Rodrigues%20de%20Souza.pdf>, acesso em 23/8/2011.
- TAUNAY, Affonso. Prefácio. In: *Taunay*, 2002, pp. 9-11.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle.*A retirada da Laguna*. São Paulo:Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Diário do Exército:campanha do Paraguai 1869-1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.